



Empoderamento de Mulheres: Um Estudo No Women's Center da Universidade De Minnesota (EUA)

EMPOWERMENT OF WOMEN: A STUDY IN WOMEN'S CENTER OF THE UNIVERSITY OF MINNESOTA (USA)

Joyce de Sousa Selvatty ¹

Nathalia Carvalho Moreira ²

Odemir Vieira Baêta ³

RESUMO

O Women's Center foi o primeiro centro para mulheres criado no campus de uma universidade e é exemplo para os centros de mulheres dos Estados Unidos e do mundo. Portanto, este trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos gestores do Women's Center, sobre o empoderamento das mulheres. Foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo sido realizada análise de conteúdo de entrevistas com nove gestores. Constatou-se que o Women's Center proporciona melhorias na educação, na qualificação e na liderança das mulheres. Por fim, ressaltam-se grandes avanços na conscientização sobre a igualdade de gênero, reafirmação e legitimação da identidade. A participação no Women's Center influencia para iniciar o ciclo do empoderamento das mulheres, podendo também acompanhar este processo em todas as suas fases. Portanto, suas estratégias podem reforçar o compromisso da universidade com a sociedade e podem influenciar gestores de outros centros de mulheres, em outras universidades e instituições, bem como na formulação de políticas públicas de gênero.

Palavras-chave: Empoderamento, mulher, gênero, universidade.

ABSTRACT

The Women's Center was the first center for women created on the campus of a university and is an example for women's centers in the United States and the world. Therefore, this study aimed to analyze the perception of managers of the Women's Center on the empowerment of women. We conducted a qualitative research, the case study, being conducted content analysis of interviews with nine managers. It was found that the Women's Center provides improvements in education, skills and leadership of women. Finally, we emphasize great strides in raising awareness of gender equality, reaffirmation of identity and legitimacy. Participation in the Women's Center to begin the cycle influences the empowerment of women, may also follow this process in all its phases. Therefore, their strategies can strengthen the university's commitment to society and can influence other managers of women's centers, universities and other institutions, as well as in the formulation of public policies on gender.

Key Words: *Empowerment, women, gender, university.*

1 Bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue (Universidade Federal de Viçosa - UFV). E-mail: joyceselvatty@gmail.com.

2 Doutoranda em Administração Pública e Governo (Fundação Getúlio Vargas - FGV), Mestre em Administração (UFV), especialista em Gestão Estratégica (UFV), Bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue (UFV). E-mail: nathaliatp@yahoo.com.br.

3 Doutorando em Administração (Universidade Federal de Lavras - UFLA), Mestre em Administração (UFV), especialista em Gestão Estratégica (UFV), Bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue (UFV). E-mail: odemirbaeta@ufv.br.

Introdução

O dia 8 de Março de 1857 é lembrado como o dia em que centenas de mulheres das fábricas de vestuário e têxteis de Nova Iorque iniciaram uma marcha de protesto contra os baixos salários, o período de 14 horas diárias e as más condições de trabalho. Contudo, apenas a partir do ano de 1975 que este fato torna-se reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e comemorado como Dia Internacional da Mulher, como uma forma de homenagear as mulheres que morreram queimadas em uma ação política para conter a manifestação (ONU, 2011).

Nas décadas de 1960 e 1970 os movimentos sociais, políticos e feministas, tiveram destaque, especialmente nos Estados Unidos (EUA) e alavancaram muitos esforços em prol da equidade de direitos cívico-sociais para homens e mulheres.

Em meados dos anos 1970 houve o fortalecimento do movimento internacional de mulheres, com uma forte produção acadêmica sobre a situação da mulher. Dessa forma, “women’s studies has become an integral part of higher education” e obviamente, “raise new questions, and new issues”ⁱ. Essa inquietação teve reflexo nas linhas de pesquisa de universidades e diversos organismos internacionais, como por exemplo, a criação da Unidad Mujer y Desarrollo da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL).

Na década de 2000, a igualdade entre os sexos foi traçada como um dos objetivos utilizados na avaliação do progresso em direção às metas de Desenvolvimento do Milênio proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU) até 2015 (PNUD, 2011).

Desde então, a CEPAL tem desenvolvido uma produção acadêmica relevante sobre o tema. No ano de 2003, foi promovida uma série de seminários para discutir a pobreza sob o prisma de gênero e assim, contribuir para a promoção de políticas públicas de combate à feminização da pobreza no continente americano (CEPAL, 2010).

Os Estados Unidos estão entre os países que possuem um índice de desenvolvimento humano bastante elevado, 0,910, ocupando a 4ª posição em 2011. Entretanto, de acordo com o Índice de Desigualdade de Gênero (IDG), os Estados Unidos estão na 47ª posição, tendo um valor de 0,229 (PNUD, 2011).

O IDG é composto por três dimensões: saúde reprodutiva, empoderamento e atividade econômica. A desigualdade na atividade econômica é medida pela participação de homens e mulheres no mercado de trabalho. No quesito saúde reprodutiva são mensuradas a mortalidade materna e a proporção de adolescentes que tiveram filhos. Já o empoderamento é medido pelo percentual de homens e mulheres no parlamento e pelo percentual de homens e mulheres de 25 anos ou mais com pelo menos o segundo grau completo.

Segundo o relatório da PNUD (2010), a desigualdade entre homens e mulheres ocasiona a perda de 63% do potencial de desenvolvimento humano no Brasil. Já nos EUA este número representa 40%. Os países com maior igualdade de gênero são Holanda (0,174), Dinamarca (0,209) e Suécia (0,289).

Nos Estados Unidos, o Women’s Center (ou Centro das Mulheres) da Universidade de Minnesota foi fundado em 1960 como o Plano de Minnesota para a Educação Continuada da Mulher. O plano foi criado inicialmente para atender as necessidades das mulheres cuja educação havia sido interrompida pelo casamento ou pela maternidade (WOMEN’S CENTER, 2011).

Ao longo de sua história o Women's Center incentivou iniciativas de muitas mulheres, criou bolsas e prêmios, e respondeu às necessidades dinâmicas dos novos cenários socioeconômicos. É considerado um catalisador para a equidade das mulheres, apoiando a comunidade universitária em seus esforços para criar um clima saudável no qual as mulheres possam prosperar e atingir seu pleno potencial (WOMEN'S CENTER, 2011).

Um dos pressupostos do Women's Center é influenciar para o empoderamento das mulheres, que conforme Moreira (2012) é composto por diversas categorias em que se destacam a melhoria nas condições de vida, a inclusão social, a educação e a qualificação.

Portanto, este trabalho pretendeu se integrar às inúmeras de investigações sobre os estudos de gênero, tendo como objetivo geral analisar a percepção dos gestores envolvidos no Women's Center, sobre o empoderamento das mulheres atendidas.

A justificativa desta investigação, além da facilidade de acesso, deve-se ao fato do Women's Center ser o primeiro centro para mulheres criado no campus de uma universidade e que serve de exemplo para os centros de mulheres dos Estados Unidos e do mundo (WOMEN'S CENTER, 2011).

Esta pesquisa está organizada em cinco partes. Neste primeiro tópico foi realizada uma contextualização do tema, enfatizando sua relevância. No segundo tópico apresentaram-se as principais teorias acerca dos estudos de gênero e empoderamento. Em seguida foram apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. No quarto tópico foram analisados e discutidos os resultados, e por fim, foram feitas as considerações finais, com sugestões para trabalhos futuros.

Referencial teórico

Estudos de gênero

De acordo com Farah (2004), o uso mais frequente do conceito de gênero é o proposto pelo feminismo da diferença. Este rejeitou pressupostos do feminismo da igualdade, que afirmava que a única diferença efetivamente existente entre homens e mulheres são biológico-sexuais, e que as demais diferenças observáveis são culturais, derivadas de relações de opressão e, portanto, devem ser eliminadas para dar lugar a relações entre seres 'iguais'. Para os teóricos da diferença, o conceito de gênero remete a traços culturais femininos (ou masculinos) construídos socialmente sobre a base biológica.

A partir de então, constrói-se uma polarização binária entre os gêneros, em que a diferença é concebida como categoria central de análise, fundamental na definição de estratégias de ação. As diferenças são enfatizadas, estabelecendo-se uma polaridade entre masculino e feminino, produção e reprodução, e público e privado (FARAH, 2004).

O conceito de gênero permite a apreensão principalmente de desigualdades de poder entre homens e mulheres, que envolvem como um de seus componentes centrais desigualdades de poder. Nas sociedades ocidentais, marcada também por outros 'sistemas de desigualdade', é possível constatar, que o padrão dominante nas identidades de gênero envolve uma situação de subordinação e de dominação das mulheres, tanto na esfera pública como na privada (FUJIWARA, 2002).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pode ser considerada como um trampolim para as mulheres dos EUA no setor econômico. Mulheres

começaram a trabalhar em fábricas, escritórios e bases militares. Estes trabalhos, antes destinados aos homens, e agora em mãos femininas, preenchiam o vácuo deixado por pais, esposos e irmãos enviados para a guerra (GLAZER e SLATER, 1987).

Lucretia Coffin Mott (1793-1880), Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) e Susan Brownell Anthony (1820-1906), foram as primeiras mulheres norte-americanas, que se empenharam para que todas as mulheres, assim como os homens e as mulheres de cor, nos Estados Unidos tivessem o direito ao voto e à plena cidadania (LÉVI, 2006).

No final da década de 1980, a proliferação sobre estudos sobre sexualidade levou a distinguir o que se tratava propriamente de gênero daquilo que designava o plano das escolhas eróticas e da identidade sexual. Os Estados Unidos disseminaram os chamados Gay and Lesbian Studies, que confrontaram o pensamento sobre a relação entre o plano corpóreo e a identidade de gênero (LEVI, 2006).

Essas tendências, também impulsionadas por movimentos sociais de afirmação indenitárias, começaram a colocar em questão a relação entre construção cultural e diferença anatômica. Esta última passou a ser desconstruída, e desnaturalizada. O debate mais pertinente ao estudo da sexualidade gira em torno de posturas designadas como essencialistas, que geralmente assumem a ideia de uma universalidade de um instinto e/ou desejo sexuais em contraste com assertivas de que são efeitos de contextos históricos e culturais específicos (HEILBORN e SORJ, 1999).

Nos Estados Unidos, as feministas das universidades concentram os seus esforços, quase que exclusivamente, na área da pesquisa social. Consequentemente, ao longo do tempo foram criados núcleos de estudo em muitas universidades e em centros de pesquisa do país (HEILBORN e SORJ, 1999).

Segundo Prá (2012) importantes debates sobre igualdade de gênero surgiram de conferências mundiais e interamericanas, nas quais os governos nacionais se comprometeram a promover a igualdade de gênero na formulação de políticas e programas públicos. O mais explícito dos mandatos mundiais inclui a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (Cedaw, 1979), o Programa de Ação do Cairo (1994), a Plataforma de Ação de Pequim (1995) e as metas acordadas internacionalmente na Declaração do Milênio (2000), que identificaram "a igualdade de gênero e o empoderamento da mulher" como condição vital para a consecução de todas as outras metas.

Com base na plataforma de ação definida na Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing, em 1995, foi elaborada a agenda relacionada à questão de gênero. Nessa agenda, incluem-se diversas diretrizes no campo das políticas públicas (violência, saúde, meninas e adolescentes, educação, trabalho, infraestrutura urbana, questão agrária, incorporação da perspectiva de gênero por toda política pública, acesso ao poder político e empoderamento (FARAH, 2002).

O fato é um marco do caminho que as mulheres percorreram em busca de igualdade, tanto pessoal quanto profissional. Com o objetivo de acompanhar as mulheres nesta trilha de obstáculos, algumas instituições promovem ações direcionadas ao público feminino, de todas as idades e classes sociais, principalmente com atuações voltadas para a inclusão no mercado de trabalho, a prevenção de doenças, o combate à violência e o fim do preconceito sexual.

Segundo Levi (2006) é preciso que os departamentos e as cátedras de Estudos de Mulher e de Gênero procurem parceiros igualmente interessados no avanço socioeconômico e intelectual das assim chamadas "minorias", para

de fato melhorar a sua condição na sociedade. Sendo assim, o setor universitário tende a ser a escolha adequada, ou seja, “we need to look back and celebrate the achievements of the past thirty years, and look to a future with a new generation of feminist scholars and teachers who will lift our understanding of women’s studies and ethnic studies to even greater heights.”ⁱⁱ

Conforme Prá (2012) a questão de gênero também se impõe como objeto de estudos aos estudiosos da política. Um olhar atento à trajetória das mulheres e às mudanças promovidas por seu protagonismo pode fornecer subsídios a futuros estudos acerca de diversas questões como as da cidadania, do empoderamento, dos direitos humanos, da participação política, do capital social e das políticas públicas. O conhecimento da experiência acumulada pelas mulheres poderia, também, orientar ações e estratégias de outros setores da sociedade que buscam maior participação política e igualdade de direitos.

Enfim, Prá (2012) também acrescenta que pensar como sugere o feminismo, desconstruir estereótipos e falsas dicotomias e caminhar em direção à igualdade de direitos e à equidade de gênero são condições indispensáveis para quem vislumbra uma sociedade democrática e cidadã.

Empoderamento

Melo (2012) afirma que o empoderamento não é um processo com um começo bem delineado e um final com experiências iguais para todas as mulheres, pois não existem fórmulas ou projetos, receitas ou modelos prescritos que ensinem a mulher a se empoderar. Ele é moldado para cada indivíduo com base em suas experiências individuais, seus contextos e suas histórias.

Na visão de Mageste et al. (2008) o empoderamento possui três níveis: o individual, o relacional e o contextual, como uma espiral que vai se ampliando e é interligada e circundada por relações de poder. Dessa forma, estão fortemente ligados, interferindo e exercendo pressões um no outro.

Sendo assim, modificações em um dos níveis acabam gerando mudanças e adaptações nos demais e a ação de um acaba gerando reação de outro. A transformação na estrutura de poder que mantém esta estrutura é lenta e gradual, embora, o processo de empoderamento possa se iniciar em qualquer dessas instâncias, só se completa quando consegue permear todas (MAGESTE et al. 2008).

Segundo Gohn (2004) o empoderamento individual tem como indicadores, a autoestima, autoconfiança e autoafirmação.

Zimmerman (1995) apresenta três fatores que compõe o empoderamento individual ou psicológico: intrapessoal, interpessoal e comportamental. O fator intrapessoal reflete na auto percepção e pode incluir variáveis como percepção de controle, auto eficácia e competência. O fator de interação captura a compreensão dos indivíduos e da relação com o meio ambiente e pode incluir variáveis, tais como o desenvolvimento de habilidades e conhecimento de recursos. O fator comportamental representa participar em atividades comunitárias e organizacionais.

O empoderamento comunitário, por outro lado, não possui indicadores universais, podendo envolver empoderamento pessoal, desenvolvimento de pequenos grupos de apoio mútuo, organizações comunitárias, associações, e ação social e política, focalizando a conquista e defesa de direitos, a influência na ação do Estado, com capacidade de demanda e interferência direta ou indireta da população nas decisões políticas.

Gohn (2004) defende que as ações mais bem sucedidas em prol do empoderamento, são aquelas que além de auxiliar os grupos excluídos a assegurar sua sobrevivência, ultrapassam a assistência social e buscam a mobilização junto a movimentos e redes mais amplas, procurando influenciar o processo político.

Para Melo (2012) o empoderamento incide quando a mulher deixa de ser, tradicionalmente, dominada pelo homem, seja em suas opções de vida, seus bens ou em sua sexualidade, sobremaneira, podendo ser observada alteração quanto às decisões antes, unilaterais, não se constituindo mais como norma.

Para Sen (2001), oferecer às mulheres educação e emprego (de maneira a fortalecer sua autonomia) seria o primeiro passo para aumentar seu poder de voz e permitir sua inclusão em um debate que as excluía.

Melo (2012) também afirma que a crença por parte das mulheres de romper as barreiras para ter acesso ao exercício do poder se estabelece como um dos principais desafios ao processo de empoderamento, uma vez que, ao longo dos séculos, esse poder cabia aos homens, tanto na esfera pública quanto familiar. E essas posições de poder diferenciadas foram perpetuadas, cultural e institucionalmente.

Na visão de Malhotra et al. (2002) o empoderamento das mulheres é definido por intermédio de cinco dimensões, conforme discorrido na Figura 1.

Figura 1: Dimensões do Empoderamento

DIMENSÕES DO EMPODERAMENTO	
Econômica	A mulher controla o rendimento e os recursos da família. Acesso da mulher ao emprego e ao crédito.
Sociocultural	Liberdade de movimento, visibilidade e acesso aos espaços sociais, participação em grupos extrafamiliares e redes sociais, mudança nas normas patriarcais.
Familiar/ interpessoal	Tomadas de decisões domésticas, decisões sobre gravidez, uso de métodos contraceptivos, controle sobre a seleção do parceiro.
Legal/política	Conhecimento dos direitos, exercício do direito de votar.
Psicológica	Autoestima, autoeficiência, bem-estar psicológico, denúncia de injustiças, potencial de mobilização.

Fonte: Elaborado a partir de Malhotra et al. (2002).

Essas dimensões são bastante semelhantes ao conceito de empoderamento de Mageste et al. (2008) que apresentam como um ciclo permeando pelo nível individual, familiar e comunitário. Ademais, apesar de todos os degraus do processo de empoderamento, a maioria dos autores, utiliza nomenclatura semelhante, apoiada principalmente no conceito de autoestima. Hunter et al. (2012) acrescenta que “a final analysis supported a positive relationship between empowerment and self-esteem.”

Melo (2012) ressalta que no fator cultural, percebe-se que o fortalecimento da mão de obra feminina vem provocando significativas mudanças culturais e com isso, o patriarcalismo vem perdendo sua força e as mulheres começam a atuar ativamente em atividades que antes pertenciam apenas ao território dos homens.

Por fim, empoderamento é uma construção interdisciplinar com forte base nas teorias da psicologia. Apesar do empoderamento ter uma base teórica

consistente, poucos estudos quantitativos foram projetados para avaliar o empoderamento para populações específicas (HUNTER, et al., 2012).

A partir do exposto, percebe-se que o empoderamento trata-se de um termo complexo, de difícil conceituação e com diversas abordagens epistemológicas, portanto, este trabalho não se comprometeu com a delimitação de empoderamento, de forma que as possibilidades de sua compreensão pudessem emergir “qualitativamente” a partir do contato com o objeto investigado.

Procedimentos metodológicos

Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, descritivo e do tipo estudo de caso. O Women’s Center foi escolhido como local de análise, por ser o primeiro centro para mulheres no campus de uma universidade americana e servir de exemplo para os centros de mulheres de faculdades de todo o país e do mundo, além da acessibilidade.

O Centro da Mulher na Universidade de Minnesota foi fundado em 1960 com o Plano de Minnesota para a Educação Continuada da Mulher. O plano foi criado para atender as necessidades das mulheres cuja educação havia sido interrompida pelo casamento ou pela maternidade. O centro passou por diversas mudanças de nome, sendo o mais recente o Centro das Mulheres.

Os sujeitos de pesquisa foram escolhidos aleatoriamente, de forma não-probabilística e de acordo com a acessibilidade. Dessa forma, a amostra contou com nove gestores e voluntários que trabalham no Women’s Center, a saber: Diretor geral, Diretor associado, Assistente de diretoria, Coordenador geral, Gerente Administrativo, Gerente de Comunicação, Assistente de gestão estudantil, Gestor de divulgação online e duas estudantes voluntárias (graduandas em Engenharia). Os entrevistados foram codificados de E1 a E9 para que suas identidades fossem preservadas.

O método de análise de dados foi adaptado em partes, de Moreira (2012), em pesquisa realizada sobre a percepção dos gestores dos Centros de Assistência Social (CRAS), acerca do empoderamento de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família no estado de Minas Gerais (Brasil).

As entrevistas foram realizadas no Women’s Center e gravadas mediante autorização. As entrevistas foram transcritas, traduzidas, e em seguida, foi utilizada a análise de conteúdo, que Bardin (2002) aponta como pilares a fase da descrição ou preparação do material, a inferência ou dedução e a interpretação. Dessa maneira, os principais pontos da pré-análise são a leitura flutuante (primeiras leituras de contato os textos), a escolha dos documentos (no caso os relatos transcritos), a formulação das hipóteses e objetivos (relacionados com a disciplina), a referência dos índices e elaboração dos indicadores (a frequência de aparecimento) e a preparação do material.

De acordo com Bardin (2002), a unidade de registro (UR), apesar de dimensão variável, é o menor recorte de ordem semântica que se liberta do texto, podendo ser uma palavra-chave, um tema, objetos, personagens, etc. Já unidade de contexto (UC), deve fazer compreender a unidade de registro, tal qual a frase para a palavra.

As categorias emergiram do discurso dos gestores após a realização das entrevistas, (Figura 2) em seguida, os temas foram contabilizados por frequência simples.

Figura 2: Categorias, subcategorias e temas de análise.

Categorias	Subcategorias	Temas de Análise
Women's Center	Motivo de Procura	Informações abuso sexual e discriminação, Cursos, orientação profissional e psicológica
	Compreensão	Conhecimentos, Conscientização, Igualdade de gênero, Qualidade de vida
	Aplicação dos conhecimentos	Grupos de estudo, Desenvolvimento de projetos, Trabalho, Mudança de pensamento, Diálogo.
Mulher	Crenças	Autoconfiança, Mudanças, Autoestima, Liderança, Papel da mulher na sociedade,
	Trabalho	Autoestima, Liderança, Conscientização, Capacitação, Cultura, Autoconfiança.
Empoderamento	*	Mudanças individuais, nas instituições e na sociedade, liderança, confiança, autoestima, igualdade, escolhas, opções, capacitação,

*Não foram elaboradas subcategorias.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2012.

Resultados

Women's Center

O Centro das Mulheres cultiva valores socialmente responsáveis, e defende a mudança da cultura organizacional em direção a excelência para todos.

Uma parte do Instituto de Patrimônio e Diversidade, do Centro das Mulheres apoia a Universidade de Minnesota, em especial para melhorar a condição humana, fornecer educação, promover cultura, criar uma comunidade inclusiva e diversa. A Figura 3 apresenta os principais projetos do Centro.

Figura 3: Principais Programas do Women's Center e Características

Programas	Características
Conectando Mulheres	Prêmios, bolsas e auxílios, Grupo Intergeracional, Psicologia e Serviço Social, Web site e Blog.
Liderança e programas educacionais	Programas de Apoio à Mulher, o evento Dia Internacional da Mulher, Mês da História da Mulher, evento Mulheres Excepcionais, Círculos de Liderança, Mulheres em Desenvolvimento de Liderança (estudantes), Instituto de Liderança da Mulher, Organizações de mulheres de rede para Equidade, Organização das Mulheres de Estudantes de Pós-Graduação.
Advogando para a Mudança	Defender a mudança institucional, Convocação anual dos Centros da Mulher de Minnesota, Oferecer workshops personalizados, Rede de Ação das Mulheres, Conselho

da Mulher, Mulher da Faculdade.

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Por que um Centro de Mulheres?

Pesquisas do Women's Center afirmam que 56% dos estudantes universitários são mulheres. O número de mulheres com doutorado tem aumentado nas últimas décadas, na Universidade e em todo o país, embora em poucos termos percentuais, em altos níveis da administração.

Segundo o Women's Center (2011) algumas características podem influenciar no estudo do tema na atualidade:

Mulheres graduadas recebem 76 centavos para cada dólar que os homens ganham; Na Universidade do Minnesota, apenas 27% do corpo docente são mulheres; uma em cada cinco mulheres sobre experiência de estupro na época da faculdade ou tentativa de estupro durante a sua carreira universitária e um em cada três mulheres será sobrevivente da violência sexual durante sua vida; há apenas 90 mulheres no Congresso dos EUA (de um total de 435 pessoas), incluindo 23 mulheres negras e apenas nove dos 50 governadores de Estado são mulheres.

Se as mulheres ganhassem o mesmo que os homens, sua renda familiar anual aumentaria em quatro mil dólares e as taxas de pobreza seriam reduzidas à metade.

A missão do Centro da Mulher é melhorar significativamente a carreira, o bem estar psicológico, financeiro e jurídico inicialmente das estudantes, funcionárias e professoras da Universidade de Minnesota, mas este trabalho se estende a muitas outras mulheres dos EUA e do mundo todo, por meio de eventos, projetos, premiações e discussões em fóruns virtuais.

Ademais, trata-se de um espaço aberto para discussão sobre "os feminismos", pois, quando se trata de definir e discutir a ideia de que é o movimento feminista, acredita-se que uma única definição de conjunto é impossível e impraticável. Ademais, contribuindo para mudanças e reflexões para todas as mulheres, tanto nos estudos teóricos, quanto no cotidiano.

Análise das Categorias

Categoria – Women's Center

A Figura 4 expõe a categoria Women's Center, suas subcategorias Motivo de Procura, Compreensão e Aplicação dos Conhecimentos, seguidas dos temas de análise.

Figura 4: Categoria Women's Center

Catego ria	Subcatego rias	Temas de Análise	Entrevistados											FT 2 %		
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	T 1				
WOME N'S CENTE	Motivo de Procura	Informações abuso sexual	x			x								x	3	33. 3

R		Informações discriminação de gênero	x			x		x		x	x	5	55,5
		Cursos	x	x	x			x	x	x	x	7	77,7
		Orientação profissional		x	x	x	x	x	x	x	x	8	77,7
		Orientação psicológica		x	x	x	x	x		x	x	7	88,8
	Compreensão	Conhecimentos Conscientização	x	x	x	x	x	x	x	x	x	9	100
		Igualdade de gênero	x	x	x	x	x					6	66,6
		Qualidade de vida		x			x			x	x	4	44,4
	Aplicação dos conhecimentos	Grupos de estudo	x		x	x	x				x	5	55,5
		Trabalho		x		x					x	3	33,3
		Mudança de pensamento			x		x	x	x	x	x	6	66,6
		Diálogo				x	x		x	x	x	5	55,5

¹ T = total de observações; ² FT = frequência total.

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Ao analisar a Figura 4, na subcategoria Motivos de Procura, percebe-se que a maioria das mulheres procura o Centro, com o intuito de obter informações sobre capacitação profissional, informações sobre abuso sexual, informações sobre discriminação de gênero, cursos e orientação psicológica.

Sobre a procura a respeito de informações sobre abuso sexual, pode-se fazer um diálogo com o pensamento de Melo (2012) em que o empoderamento incide quando a mulher deixa de ser, tradicionalmente, dominada pelo homem, seja em suas opções de vida, seus bens ou em sua sexualidade, sobremaneira, podendo ser observada alteração quanto às decisões antes, unilaterais, não se constituindo mais como norma.

Esses aspectos são diretamente relacionamentos com a dimensão de empoderamento familiar ou relacional, expostos por Gohn (2004) e Mageste et al. (2008).

Em relação à subcategoria Compreensão, percebem-se características relacionadas ao empoderamento individual ou psicológico, que engloba autoestima, autoeficiência, bem-estar psicológico, denúncia de injustiças, potencial de mobilização (MALHOTRA et al. 2002 e HUNTER et al. 2012).

Na subcategoria Aplicação dos conhecimentos, observam-se características importantes que convergem com o pensamento de empoderamento comunitário ou contextual, proposto por Gohn (2004) e Mageste et al. (2008), que afirmam que o empoderamento nesta dimensão está relacionado à

conquista e defesa de direitos, formação de grupos de apoio, organizações comunitárias, associações e ação social

Categoria – Identidade

A Figura 5 apresenta a categoria Identidade, suas subcategorias Crenças e Trabalho, seguidas dos temas de análise.

Figura 5: Categoria Identidade

Categor ia	Subcategor ias	Temas de Análise	Entrevistados									T ¹	FT ² %	
			1	2	3	4	5	6	7	8	9			
IDENTIDADE	Crenças	Autoconfiança	x		x	-	x					x	4	44,4
		Mudanças	x	x		-	x			x		x	5	55,5
		Autoestima	x		x	-	x				x	x	5	55,5
		Liderança	x			-			x	x			3	33,3
		Papel da mulher na sociedade							x	x	x	x	4	44,4
	Trabalho	Autoestima	x	x	x		x					x	5	55,5
		Liderança	x		x	x			x	x			5	55,5
		Conscientização		x		x	x			x	x	x	6	66,6
		Capacitação	x	x	x		x					x	5	55,5
		Cultura	x						x	x			3	33,3

¹ T = total de observações; ² FT = frequência total.

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Interpretando a Figura 5, observam-se parâmetros do empoderamento na categoria “mulher”, citados pela maioria dos autores (Hunter et al. 2012; Melo, 2012; Gohn, 2004; Malhotra et al. 2002; e Mageste et al. 2008) que chama a atenção para a construção de uma autoimagem e confiança positiva e para a ampliação do pensamento crítico, características que identificadas em conjunto promovem maior igualdade e conseqüentemente maior empoderamento.

Nesse contexto, é possível reforçar o pensamento de Zimmerman (1995), que afirma que empoderamento refere-se ao fator intrapessoal, auto percepção e pode incluir variáveis como percepção de controle, auto eficácia e competência, bem como o fator comportamental que representa participar em atividades comunitárias e organizacionais.

A subcategoria Crenças, também remete ao pensamento de Melo (2012) que ressalta que no fator cultural, percebe-se que o fortalecimento da mão de obra feminina vem provocando significativas mudanças culturais e com isso, o patriarcalismo vem perdendo sua força e as mulheres começam a atuar ativamente em atividades que antes pertenciam apenas ao território dos homens.

Conforme Prá (2012) desconstruir estereótipos e falsas dicotomias e caminhar em direção à igualdade de direitos e à equidade de gênero são condições indispensáveis para quem vislumbra uma sociedade democrática e cidadã.

Já em relação à subcategoria Trabalho, é possível contextualizar seus temas de análise com a visão de Sen (2001), que afirma que oferecer às mulheres educação e emprego (de maneira a fortalecer sua autonomia) seria o primeiro passo para aumentar seu poder de voz dentro e fora da família e permitir sua inclusão em um debate que as excluía.

Categoria – Empoderamento

A Figura 6 apresenta a categoria Empoderamento, e seus temas de análise. Nesta categoria, não foi possível eleger subcategorias. Contudo, este fato não desfavoreceu as análises e interpretações.

Figura 6: Categoria Empoderamento.

Categoria	Temas de Análise	Entrevistados									T ₁	FT ² %	
		1	2	3	4	5	6	7	8	9			
EMPODERAMENTO	Mudanças nas instituições e na sociedade	x	x					x				3	33,3
	Mudanças individuais	x	x	x	x		x					5	55,5
	Liderança	x	x				x					3	33,3
	Autoestima	x		x	x				x			4	44,4
	Igualdade		x	x	x	x	x	x	x	x		8	88,8
	Escolhas, opções, possibilidades		x	x	x	x	x	x	x	x		8	88,8
	Capacitação						x	x	x	x		4	44,4

¹ T = total de observações; ² FT = frequência total.

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Em seguida, foram selecionados os trechos mais significativos, seguidos dos grifos nas partes que mais se destacaram e comprovaram a importância do Women's Center para o empoderamento das mulheres, na percepção dos gestores entrevistados.

O empoderamento das mulheres é estar **ciente**, saber e **reconhecer-se como um indivíduo e não se deixar ser definida por um estereótipo**, reconhecendo-se como um indivíduo **capaz de fazer aquilo que você põe na sua mente, por mais clichê que seja**, é apenas o reconhecimento que merecem os **mesmos direitos que todos os outros** e que existem formas de obtê-lo, mas o

Centro da Mulher é definitivamente um **grande recurso para capacitar** as mulheres que **podemos ser iguais... Defender a equidade da mulher** no campus para estudantes, funcionários, professores em todas as identidades. E1

Num modo geral é a **igualdade** para as mulheres. Criar um espaço para que a mulher faça **escolhas, tenha opções e possibilidades**. E2

Defino empoderamento da mulher como **reconhecer oportunidades** e se sentir confortável fazendo suas **escolhas** quando essas oportunidades chegarem e não hesitar nas escolhas pelo fato de ser mulher; **e se impõe como mulher, fala por si mesma**. E3

Empoderamento é responder por você mesma. Lutar por coisas que acha que sejam mais **justas**, sobre a negociação salarial ou a relação amorosa. Ao fazer isso, você automaticamente ajuda outras mulheres a fazerem o mesmo. Então, **empoderamento da mulher é também igualdade...** E4

Liberdade de fazer o que eu quiser e se sentir bem sobre isso, me sustentar, pagar minhas contas, e não estar em dívida, de modo que seria a minha forma de empoderamento das mulheres, mas acho **que a definição real é apenas ser iguais aos homens...** E5

Empoderamento não consiste em dar preferência mulheres ou colocá-los em um pedestal, eles devem apenas ser o mesmo. Há diferenças biológicas entre machos e fêmeas, mas **em termos sociais, não há necessidade de um tratamento diferente deles como seres humanos. Nem mais, nem menos**. E7

... **Empoderamento**, as **escolhas** que capacitam. Então eu acho que **poder é uma coisa muito importante**, mas a **capacitação** também pode ser usada, porque o empoderamento pode ajudar as pessoas a ver que eles têm **escolhas e opções**, e apenas vendo as escolhas também pode ser um conceito de **privilégio**. E9

(Resultados da pesquisa, 2012) * grifo nosso

A partir da interpretação da Figura 6 e da leitura de alguns trechos dos relatos dos entrevistados, observam-se pontos latentes sobre o empoderamento individual. Retomando Hunter et al. (2012), Melo (2012), Mageste et al. (2008), Malhotra et al. (2002), e Zimmerman (1995) percebem-se características em todos os níveis do empoderamento.

Destaca-se especialmente, os trechos em negrito que refletem indícios do empoderamento individual ou psicológico, o que converge ao pensamento de Hunter et al. (2012) que afirma que uma análise completa de empoderamento está sempre ancorada ao sentimento de autoestima (um dos pilares fundamentais do empoderamento psicológico e individual).

Portanto, a participação no Women's Center tem grande respaldo e influencia para conscientizar e principalmente iniciar o ciclo do empoderamento das mulheres, podendo também acompanhar este processo em todas as suas fases. Percebe-se que é um espaço de discussão, muito respeitado que tem bases sólidas, utiliza arcabouço teórico e consistente para explorar, interpretar, diagnosticar e colocar em pauta assuntos ainda hoje tratados como delicados.

Considerações finais

Este trabalho pretendeu analisar Women's Center da Universidade de Minnesota – EUA, sob a perspectiva dos estudos de gênero e dos estudos sobre empoderamento.

Compreender a percepção dos gestores que trabalham diretamente com as mulheres beneficiárias é de extrema importância, tanto pelo contato constante, bem como seu papel privilegiado no processo de gestão.

Relembrando algumas discussões, constata-se que o Women's Center reflete na autonomia, autoestima e empoderamento individual das mulheres beneficiárias. Analisados em conjunto, a melhoria nas condições de vida, a inclusão social, a educação e a qualificação, sugerem reflexos de empoderamento individual e relacional das mulheres.

O Women's Center, para as mulheres proporciona apoio e converge em maior conscientização sobre os direitos, principalmente sobre a reconstrução e reafirmação das identidades.

Destaca-se especialmente, o empoderamento individual ou psicológico, e a importância do conceito de autoestima, sempre ancorada ao sentimento de autoestima, tanto na literatura, quanto na percepção dos gestores e das mulheres.

Reafirma-se a importância do Women's Center ao proporcionar melhorias na educação, na qualificação e na liderança. Ressaltam-se grandes avanços na conscientização sobre a igualdade de gênero. A participação no Women's Center influencia para iniciar o ciclo do empoderamento das mulheres, podendo também acompanhar este processo em todas as suas fases. Percebe-se que é um espaço de discussão, para explorar, interpretar, diagnosticar e colocar em pauta assuntos importantes. Portanto, suas estratégias podem reforçar o compromisso da universidade com a sociedade e podem influenciar gestores de outros centros de mulheres, bem como na formulação de políticas públicas de gênero.

Por fim, sugere-se que sejam feitas outras pesquisas, em outros centros de mulheres pertencentes a universidades, organizações não governamentais ou ao governo, comparando com realidades de outros países, como por exemplo, Brasil e outros países da América Latina. Ademais, sugere-se que sejam feitas pesquisas diretamente com as mulheres, para aprofundar as percepções sobre os estudos de gênero e empoderamento.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

DANTAS, M. Masculino, Feminino, Plural. In: **Diversidade sexual e trabalho**. Maria Ester de Freitas, Marcelo Dantas. (Org) São Paulo: Cengage Learning, 2012. pp. 1-20.

- FARAH, M. F. S. Gênero e políticas públicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 jun 2011.
- FUJIWARA, L. **Governo: substantivo feminino?** Gênero e políticas públicas em governos subnacionais. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – FGV/EAESP, São Paulo.
- GLAZER, P. M.; SLATER, M. Unequal Colleagues. The Entrance of Women into the Professions, 1890-1940. **New Brunswick: Rutgers UP**, 1987.
- GOHN, M. G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**. v. 13, n.2, p. 20-31, ago. 2004.
- HEILBORN, M. L. e SORJ, B. **Estudos de gênero no Brasil**, in: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPEs. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.
- HUNTER, B. A.; JASON L. A.; KEYS, Christopher B. Factors of Empowerment for Women in Recovery from Substance Use. **American Journal Of Community Psychology**. Spring. Jan, 1, 2012.
- LEVI, J. A. **Estudos de Mulher e de Gênero nos Estados Unidos da América**. Séculos XIX-XXI. Campus Social, 2006/2007, 3/4, 63-76.
- MALHOTRA, A.; SCHULER, S. R.; BOENDER, C. **Measuring Women's Empowerment as a Variable in International Development**. Background Paper Prepared for the World Bank Workshop on Poverty and Gender: New Perspectives. 2002.
- MAGESTE, G. S.; MELO, M. C. O. L.; CKAGNAZAROFF, I. B. Empoderamento de Mulheres: uma proposta de análise para organizações. V Encontro de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração. **Anais...** Belo Horizonte, 2008.
- MELO, M. C. O. L. Mulheres gerentes entre o empoderamento e o teto de vidro. In: **Diversidade sexual e trabalho**. Maria Ester de Freitas, Marcelo Dantas. (Org) São Paulo: Cengage Learning, 2012. pp. 337-372.
- MOREIRA, Nathalia Carvalho et al. Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, Apr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122012000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000200004>.
- PRA, J. R.; EPPING, L. Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, Abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100003&lng=en&nrm=iso>.
- PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh/>
- SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras. 2001.
- WOMEN'S CENTER. University of Minnesota. Disponível em: <http://www1.umn.edu/women/>
- ZIMMERMAN, M. A. Psychological empowerment: Issues and illustrations. **American Journal of Community Psychology**, 23(5), 581–599. 1995.

ⁱ BUHLE, Mari Jo. Introduction, in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, Nova Iorque: Feminist P, 2000. xv-xxvi. xv. WALTON, Jean. "The Evolution of a Consortial Women's Studies Program", in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, Nova Iorque: Feminist P, 2000. 40-54. Extraídos de: LEVI, J. A. **Estudos de Mulher e de Gênero nos Estados Unidos da América**. Séculos XIX-XXI. *Campus Social*, 2006/2007, 3/4, 63-76.

ⁱⁱ MOSES, Yolanda T. "Linking Ethnic Studies to Women's Studies", in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, ed. Nova Iorque: Feminist P, 2000. 317-324. 324. Extraído de: LEVI, J. A. **Estudos de Mulher e de Gênero nos Estados Unidos da América**. Séculos XIX-XXI. *Campus Social*, 2006/2007, 3/4, 63-76.